



**A ESTÉTICA DOS COTIDIANOS ESCOLARES: REFLEXÕES SOBRE AS  
POÉTICAS SUBVERSIVAS E AS PARTILHAS DO SENSÍVEL**

**THE AESTHETIC OF THE SCHOOL'S EVERYDAY LIVES: REFLECTIONS ON  
THE SUBVERSIVE POETICS AND THE DISTRIBUTIONS OF THE SENSIBLE**

**Victor Junger<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho pretende incitar a reflexão e a abertura a novas perguntas evocando algumas noções e experiências que indiciam a presença do estético e de sua complexidade nos *cotidianos escolares* (ALVES, 2001). Estar em campo exige uma sensibilidade que atravessa compleições ordinárias e captura *tragicidades cotidianas* (VICTÓRIO FILHO, 2005). Nesse sentido, o artigo preocupa-se em forjar problematizações sobre uma investigação estética permanentemente atravessada pelas diferentes tessituras que se encontram arrimadas aos cotidianos do CEJK - Colégio Estadual Júlia Kubitschek. Para tanto, faço uso das noções de *partilhas do sensível* (RANCIÈRE, 2009) e *poéticas subversivas* (CERTEAU, 1998) as quais se mostram extremamente profícuas a uma investigação estética.

**PALAVRAS-CHAVE:** cotidianos escolares – investigação estética – partilhas do sensível – poéticas subversivas

**ABSTRACT:** This work aims to incite reflection and openness to new questions evoking some notions and experiences that indicate the presence of the aesthetic and its complexity in the *school's everyday lives* (ALVES, 2001). Being in the field requires a sensitivity that crosses ordinary complexions and captures *everyday life tragicities* (VICTORIO FILHO, 2005). In this sense, the article focuses on forging a problematization of aesthetic research always crossed by different reference networks that are settled down on the everyday lives of CEJK - State College Julia Kubitschek. Therefore, I make use of the notions of *distributions of the sensible* (RANCIÈRE, 2009) and *subversive poetics* (CERTEAU, 1998) which present themselves as extremely profitable for an aesthetics investigation.

**KEYWORDS:** school's everyday lives - aesthetic investigation - distributions of the sensible - subversive poetics

---

<sup>1</sup> Graduando do 9º período de pedagogia pela UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), bolsista PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) – programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e auxílio instalação financiado pela FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: [victorjunger@gmail.com](mailto:victorjunger@gmail.com)



Estar presente nos cotidianos, quando em sua investigação, requer um cuidadoso exercício de escuta, senão um íntimo envolvimento, que nos convida aos matizes, às singularidades e aos sabores dos *espaçostempos*<sup>2</sup> da escola (ALVES, 2001). São estes sentidos que nos acometem e nos afetam quando percebemos, no momento em que nos permitimos perceber, nossos elos contextuais com os fazeres outros e com a diferença dos acontecimentos. Percepção que se furta às incertezas de um olhar deslocado de si e que termina por se encontrar arrimado ao outro. Percepção desta diferença que é permanentemente evocada enquanto abandono de si e do que se foi. Os sentidos recompõem texturas contextuais, eles padecem ou se afirmam, mas operam sobre um plano ainda pré-individual, impessoal, onde se encarnam desejosas redes de subjetividades (GUATTARI, 2008; SÜSSEKIND VERISSIMO, 2009).

Estar em campo exige uma sensibilidade que atravesse compleições ordinárias e capture tragicidades cotidianas (VICTÓRIO FILHO, 2005). Como em uma aventura investigativa, o começo é incessantemente recuperado quando cruzamos os portões do Colégio e entramos em suas instalações. Durante a pesquisa no e com o cotidiano do Colégio Estadual Júlia Kubitschek – CEJK, no âmbito do programa PIBID<sup>3</sup>, pude vivenciar estes e outros sentimentos que, aninhados nos mais arredios instantes, foram capazes de me aproximar de seus atores/autores.

Ao lançar um olhar sobre algumas das sensibilidades cotidianas, seria um equívoco reduzir esta investigação a um tipo de indexação dos sentidos, das experiências e dos acontecimentos. Ou mesmo representar em um plano analítico as práticas de fruição e as poéticas subversivas (CERTEAU, 1998). Entramos, na verdade, em uma região movediça que ainda parece enfrentar os regimes epistemológicos da modernidade. O que, afinal, teríamos a aprender com as tragicidades cotidianas, as práticas de fruição, as poéticas dos golpes e as partilhas do sensível?

Em que medida uma investigação estética dos cotidianos participa dos *currículos praticados* (OLIVEIRA, 2003), das aprendizagens e da (auto)formação docente? Ou deveria alternar o foco das questões: de que modo a formação docente e as aprendizagens oficiosas teriam se enraizado

<sup>2</sup> Faço uso da escrita diferenciada, em referência ao princípio de *juntabilidade* proposto por Nilda Alves (2001), entendendo que novos sentidos e significações podem ser produzidos pela união de algumas palavras.

<sup>3</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



no paradigma moderno afastando qualquer tentativa de se lançar mão do estético? Por que razão não nos valem do plano estético quando abordamos a educação praticada em sala de aula e a (auto)formação dos professores?

Mais do que responder a estas questões, pretendo incitar a reflexão, a abertura a novas perguntas evocando algumas noções, experiências e questões que indiciam a presença do estético e de sua complexidade nos cotidianos escolares. A opção por uma investigação estética dos cotidianos é contemporânea à saturação dos “valores do norte”, com seu pragmatismo funcional, seus valores ascéticos e seu regime de práticas dramático (MAFFESOLI, 2008, p. 147).

Em contrapartida, nosso olhar se voltaria para os “valores do sul”, em que se pesem os prazeres ordinários, a sensualidade das metáforas e os aspectos trágicos da vida. A investigação estética esforça-se por pensar um conhecimento engajado com o campo, com o compartilhamento das *reconversões ontológicas* (GUATTARI, 2008), enquanto o operamos por meio de uma razão sensível (MAFFESOLI, 2008).

Não é difícil concluir que o paradigma estético (GUATTARI, 2008) pouco participou dos *lugares próprios* (CERTEAU, 1998) da escola; antes, durante a modernidade, ele teria sido encoberto por um regime de práticas que terminou por invisibilizá-lo. Correlativas aos modos de operação das políticas, as partilhas do sensível promoveram recortes sedentários dos *espaçotempos* da escola sem que diferentes arranjos pudessem participar das aprendizagens oficiosas. Estes recortes sobre o plano do sensível teriam ocorrido dissimuladamente, apagando os rastros deixados pelos acontecimentos e pelas poéticas subversivas. Embora não seja difícil assumir tais conclusões, há especificidades que são próprias a uma pesquisa ético-estética onde se pretenda *versentir* (ALVES, 2001) a cotidianidade escolar.

A intrincada rede de saberes, conhecimentos e afecções que compõem os *espaçotempos* da escola participa dos processos reflexivos compreendidos pelos currículos praticados e pela (auto)formação docente. As narrativas e os relatos, como parte destes processos, constituem-se em uma trama que conserva os elementos heterogêneos, deixando ver as aprendizagens e as subjetividades formadas com os cotidianos do CEJK.

Nesse sentido, este trabalho preocupa-se em forjar reflexões sobre uma investigação estética permanentemente atravessada pelas diferentes tessituras que se encontram arrimadas aos



cotidianos do Colégio e que, portanto, carregam os traços dos acontecimentos, dos saberes e dos fazeres poéticos.

Localizado no centro do município do Rio de Janeiro, próximo à Central do Brasil, o CEJK recebe alunos de diferentes regiões da cidade, além de outros municípios da região metropolitana. Em seus espaços circulam uma multiplicidade de grupos e seus diferentes lastros locais, que fazem das muitas experiências um rico encontro etnográfico. A maior parte dos alunos são moradores da zona norte e oeste, o que faz com que eles necessariamente transitem pela cidade, invistam-se sobre extensos trajetos urbanos, para então chegar ao Colégio. Comunidade desterritorializada que percorre diferentes itinerários para aportar na escola, a comunidade escolar, nesse sentido, não seria meramente uma amostra representativa da comunidade do entorno, mas, arrisco dizer, carrega as marcas do cosmopolitismo das ruas.

As narrativas e os relatos das experiências vivenciadas nos contextos do Colégio seriam configuradas de antemão por todo tipo de imagens, sejam elas sonoras, visuais ou discursivas (VICTÓRIO FILHO, 2007). Mas a força da pesquisa com os cotidianos, neste caso, é a intensidade poética que “emana da própria ambiência da pesquisa” (VICTÓRIO FILHO, 2007, p. 102). Quando, em referência ao paradigma estético, lidamos diretamente com as reconversões ontológicas partilhadas entre os protagonistas e o pesquisador; ele mesmo engajado com o campo, diluído nas experiências cotidianas, implicado pelos/com os seres in-corporados e incorporais.

Não se trata mais de reproduzir objetivamente o que fora vivenciado em campo: a complexidade se encontra na superfície (MAFFESOLI, 2008b), nos acontecimentos ordinários, nos eventos corriqueiros, e deve, portanto, ter suas efetuações metaforizadas em outros registros. Restaria às narrativas e aos relatos não mais representar os fatos, mas simular os gestos poéticos e as performances imagéticas. As figuras narradas, dessa forma, deixam de ser fatos comprobatórios para se tornarem linhas de escape que permanentemente efetuem questões.

Procurarei alinhar alguns relatos com as noções de partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009) e poéticas subversivas (CERTEAU, 1998) que, a meu ver, se mostram extremamente profícuas a uma investigação estética. As partilhas do sensível oferecem uma sofisticada relação entre o estético e o político na medida em que regulam o que se é dado a sentir, ver e dizer. Por



outro lado, as poéticas subversivas apresentam as estilísticas dos golpes que ora dissimulam suas táticas ora irrompem como acontecimento. De um lado, os regimes de práticas que regulam o sensível; de outro, os desvios e as compleições que animam a cotidianidade.

Rancièrre (2009, p.7), em seu ensaio *A Partilha do Sensível*, levanta a tese de que há uma distribuição no plano sensível de um comum e das partes exclusivas que competem a uma comunidade e a seus componentes. O sensível seria menos uma captura da política por uma *vontade de arte* do que um sistema das formas que aprioristicamente determina o que se dá a sentir (RANCIÈRE, 2009, p. 16). O autor esforça-se por pensar as relações entre a estética e a política. Em sua escrita, a estética se constitui na articulação “entre maneiras de fazer, formas de visibilidade destas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações (...)” (RANCIÈRE, 2009, p.13). A política, por sua vez, ocupa-se do visível e do que se pode dizer a respeito dele, dos que são capazes de ver e autorizados a dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo (RANCIÈRE, 2009, p.17). Uma cena vivenciada no cotidiano do CEJK traz algumas questões que seriam pertinentes ao que procuro compreender como partilhas do sensível.

Enquanto me esforçava por manter a fila organizada, fui interpelado por um aluno:

- *Tio, você gosta de estudar?*

Olhei-o sem titubear. Ele estava reticente, como se confessasse algo ainda difícil de pronunciar. Percebi que havia em sua colocação um tipo de compreensão sobre o “estudar” que o incomodava. Respondi que sim e perguntei imediatamente a ele o porquê da pergunta.

- *Eu não. Gosto de brincar!*

Minha primeira reação foi tentar confortá-lo. E por mais que o fizesse, percebia que esta questão residia em outro patamar, num regime de práticas que ainda sustenta a organização escolar.

Este menino, aluno do 2º ano do Ensino Fundamental, já demonstrava uma percepção de que o estudar e o brincar não podem coabitar o mesmo espaço. Seria este um dos indicativos de que há uma partilha do sensível tão prematuramente presente na educação? Após sair da turma de alfabetização, 1º ano do Ensino Fundamental, tal construção sobre a escola já teria se



estruturado para com este aluno? Como se estabelecem as partilhas do sensível? Sob quais formas elas se impõem aos praticantes?

Essas perguntas sugerem que uma investigação do paradigma estético na escola deve necessariamente ser feita de forma mais extensa. Além da lógica dicotômica instaurada pela escola entre o estudar e o brincar, há o fruir que não se ajustaria ao espaço da sala de aula, já que, para este menino, estudar não lhe seria prazeroso.

Antes mesmo de delimitar as rígidas fronteiras do espaço escolar, traduzindo-os sobre um articulado sistema de proposições, as partilhas do sensível procuram recortar os territórios sobre o que lhes cabe sentir. Este menino enfrenta uma ordem de sentidos que o faz dicotomizar as relações que povoam toda cotidianidade. Ou seja, para ele, as brincadeiras somente seriam fruídas fora da sala de aula e os estudos, portanto, se traduziriam em um trabalho exaustivo. Ao criar oposições entre estas atividades, as partilhas produzem, ao contrário de fruição, um sentimento de desalento para com as coisas da escola.

Contra as estritas regulações das partilhas<sup>4</sup>, as poéticas dos golpes insinuam, com seus efeitos táticos, novas distribuições do sensível. No âmbito da cultura ordinária, as operações práticas e artes de fazer podem ser lidas por meio de três diferentes aspectos (CERTEAU, 1998; JOSGRILBERG, 2005, p. 89): o polêmico, que procura dar conta das relações de força a partir das noções de estratégias e táticas; o estético, que confere ao léxico das gramáticas impostas o gesto poético que as reinventa; o ético, que resiste incessantemente, de “mil maneiras” possíveis, a uma ordem estabelecida.

O estético, a despeito disso, surge também como os léxicos imagéticos das errâncias, enquanto traços e marcas, por onde cabe narrar os deslocamentos dos praticantes, suas capturas, seus desejos diferentes e suas poéticas de fruição. Neste tipo de pesquisa – com o cotidiano – passa a ser relevante os usos que os praticantes fazem das atividades propostas pelo professor, como se desenrolam os estilos de subversão no espaço escolar, como as invenções poéticas emergem para que os escolares se desloquem em busca de fruição.

---

<sup>4</sup> Penso, neste caso, em partilhas do sensível intimamente articuladas a uma estética próxima ao que Najmanovich (2012) chama de estética dicotômica.



Outra ocasião, vivida nos cotidianos do Colégio, indiciam a presença dos fazeres poéticos durante uma atividade no laboratório de informática. Algo chamara minha atenção num grupo próximo: duas meninas discutiam quais cores seriam melhores para decorar o texto. Percebi, neste momento, que algo curiosamente interessante acontecia. Estas meninas encontraram no menu de barras do *software* a possibilidade de alterar as cores das letras, explorando as diferentes apresentações do texto sobre a tela. A despeito do que lhes era exigido, a manipulação estética do texto conduzia-as a forjar meios de modificar sua forma a partir do que o *software* lhes dispunha.

Elas se debruçaram diante da tela, sobre o texto do ecrã, explorando as diferentes maneiras de imprimir suas marcas nos produtos fabricados. O estético, neste caso, opera sobre duas formas: em primeiro lugar convoca seus *saberes-fazeres* (ALVES, 2001) a operarem com a máquina permitindo-lhes modificar a imagem do texto; em segundo lugar, estabelece uma relação com este tipo de suporte tecnológico que, ao contrário de tomá-lo por obstáculo, termina por cultivar subjetividades intimamente atreladas a novas interfaces.

Neste caso, de que poético é possível fazer referência? Em que patamar este fazer poético se exerce? A reflexão sobre estas pequenas invenções estéticas, os fazeres poéticos, exige que a noção de poética seja inflacionada, já que não seria possível apreender alguns aspectos dos cotidianos escolares sem que esta noção fuja de seus *lugares próprios*. Essas poéticas indiciam os ritmos e os estilos do próprio fazer com, as dinâmicas e imbricamentos dos modos de ser e dos modos de fazer. Em outros termos, as poéticas subversivas escapam dos *lugares próprios*, espalhando-se sobre novos territórios e domínios: as meninas escapavam do que lhes fora estipulado durante a atividade para encontrar/forjar novas subjetividades e outros modos de estar na escola.

Como destaca Guattari (1998, p. 135), a arte não detém o monopólio da criação, mas leva ao extremo “uma capacidade de invenção das coordenadas mutantes”. A atividade criativa permeia todo o corpo social, portanto, rente ao inescrutável dos cotidianos. Consequentemente é importante que a investigação estética deixe ver as poéticas subversivas e as artes de fazer dos cotidianos escolares (VICTÓRIO FILHO, 2005), em suas persistentes invenções e astúcias, tomando os praticantes por atores/autores do seu fazer. As poéticas e manipulações estéticas não pertencem exclusivamente ao domínio das artes. Elas se insinuam nas mais insignificantes



manifestações, nos pequenos gestos, nas performances ordinárias. Os fazeres poéticos, no âmbito da cultura ordinária, indiciam o resistente pulsar dos modos de ser.

\*\*\*

Procurei apresentar relatos e reflexões que oferecessem visibilidade ao que entendo como paradigma estético na escola: as partilhas do sensível, do que se dá a sentir e a dizer; os fazeres poéticos e suas subversões dos *espaçostempos* da escola. Esta investigação passa a ser uma permanente aprendizagem do que se permite ver e sentir com os acontecimentos que eclodem diante dos nossos olhos.

É a captura dos sentidos, a caça das poéticas arredias. É provável que a investigação do paradigma estético na escola nos **convoque** a um pulsar rente às intensidades ontológicas ou aos atravessamentos de trilhas outras. É preciso que o inescrutável da vida ordinária seja, de alguma forma, acessado. Uma dose de epifania. Uma dose de prontidão. Para uma pesquisa do paradigma estético: que os esforços sejam destinados à captura do evidente *nosdoscom* os cotidianos escolares.

## REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, I. B e ALVES, N. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: 1 - Artes de Fazer**. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GINZBRUG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético** trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 5ª reimpressão, São Paulo: Ed.34, 2008.

JOSGRILBERG, F. B. **Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau**. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

MAFFESOLI, M. **Elogio da Razão Sensível** trad. Albert C. M. Stuckenbruck. 4ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.



\_\_\_\_\_ **A Terra Fértil do Cotidiano.** In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n° 36, ago, 2008b, p.5-9.

NAJMANOVICH, D. Estética de la Complejidad. Acessado em 28/03/2012. Disponível em:[http://www.cea.ucr.ac.cr/CTC2010/attachments/101\\_DNajmanovich-Est%C3%A9tica%20de%20la%20complejidad-Andamios-Corregido%202005.pdf](http://www.cea.ucr.ac.cr/CTC2010/attachments/101_DNajmanovich-Est%C3%A9tica%20de%20la%20complejidad-Andamios-Corregido%202005.pdf)

OLIVEIRA, I. B. de. **Currículos Praticados: entre a regulação e a emancipação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RANCIÈRE, J. **A partilha do Sensível** trad. Mônica Costa Netto. 2ª ed., São Paulo: EXO experimental org.; Ed.34, 2009.

SÜSSEKIND VERÍSSIMO, M. L.. **Unimultiplicidade:** as redes de sujeitos/conhecimentos. IN: Anais IV Seminário Internacional AS REDES DE CONHECIMENTOS E AS TECNOLOGIAS, Rio de Janeiro, UERJ, 2009.

VITÓRIO FILHO, A. **A Arte na/da Educação: a invenção cotidiana da escola.** Tese de Doutorado, UERJ, 2005.

\_\_\_\_\_ **Pesquisar o Cotidiano é Criar Metodologias,** In: Educ. Soc., Campinas, vol.28, n° 98, jan/abr, 2007, p. 97-110.